

CONHECER E CHEGAR A CHAMAR O PRAZERE

Marcela Ramírez M.¹

1 Psicanalista, Membro Titular da Sociedade Chilena de Psicanálise - ICHPA, Mestre em Psicologia Clínica, menção Psicanálise. Professor Mestre UAI-ICHPA.
marcela.ramirez955@gmail.com

Este trabalho surge a propósito de uma experiência clínica durante a pandemia com uma mulher de 52 anos, casada e com três filhos, que teve o primeiro orgasmo de sua vida neste período. Escrever sobre ela é uma tentativa de pensar e compreender sobre os avatares da sexualidade feminina hoje, as dificuldades que os casais enfrentam e a influência que a situação de confinamento pôde ter.

Há três anos e meio, Verónica chegou ao meu consultório em um estado muito angustiante dizendo “no domingo meu filho (Javier) que fez 18 anos ontem nos disse que tinha tendências sexuais diferentes, ele é gay.” Ela ficou arrasada com a notícia, acudiu ao psiquiatra e estava tomando remédios e estava de licença médica.

Verónica é uma profissional de sucesso no mundo econômico, está sempre muito bem-vestida e penteada, num estilo sóbrio e bastante formal. Ela é muito séria, e diante das minhas intervenções, escuta, me encara, fica em silêncio por um momento e depois continua falando de si. No contato interpessoal ela não é muito expressiva, parece rígida e carece de espontaneidade, mas não é difícil para mim ter empatia por ela.

Seu tema de consulta está relacionado à sexualidade do seu filho, mas também nas primeiras entrevistas ela me conta que, poucos anos após o nascimento do segundo filho, ela e seu companheiro fizeram terapia sexual porque ela não suportava que ele a tocasse. Naquele momento me pergunto o que a leva a rejeitar o contato e se eu poderei tocá-la com minhas interpretações...

Depois de um ano e meio de terapia, ela me conta que o motivo inicial da consulta foi resolvido, ela e sua família aceitaram a orientação sexual do filho e também aceitam o seu noivo, mas há outra questão que a preocupa, embora ela não saiba se está disposta a tratá-la. Respondo que essa é uma decisão que ela deve tomar, acrescentando que, na minha experiência clínica, elaborar conflitos permite que as pessoas ganhem liberdade na vida. Digo isso porque minha percepção é que aos poucos ela foi adquirindo mais espontaneidade. Na sessão seguinte, ela me diz que quer que trabalhem na questão de sua sexualidade.

Ela expressa que poderia viver sem sexo porque não tem interesse no assunto. Quando assiste filmes com cenas de sexo em que as mulheres parecem gostar, fica com a impressão de que se trata apenas de uma atuação e que é algo completamente estranho e até ridículo. Ela não gosta de ter relações sexuais, as evita tanto quanto possível, mas se sente obrigada a consentir de vez em quando. Ela gostaria que isso fosse diferente. Visto que ela tem uma estrutura de personalidade neurótica com características e defesas obsessivas, é claro que estamos diante de um sintoma a resolver.

Abordamos seu relacionamento conjugal, que ela qualifica como tenso e não muito próximo. Não conversam sobre o que acontece com cada um, o tratamento verbal é muito duro, de acordo com o que ela me diz, e são poucos os gestos de carinho. Os dois trabalham fora de casa e cada um realiza suas atividades no final de semana, havendo pouco contato verbal entre eles, exceto nos almoços em família onde os filhos comparecem.

Quando se casaram, ela tinha a fantasia de que iriam dividir tudo, mas ele não se dispunha a fazer as tarefas domésticas, o que sempre resultava em motivo de discussão entre o casal. Ela me conta que, então, decidiu que faria tudo sozinha e não pediria ajuda. Assim, por exemplo, ela faz as compras de supermercado e descarrega sozinha as sacolas do carro; no fim de semana, quando não tem ajuda doméstica, ela faz o trabalho doméstico sozinha. Ela fala sobre essa situação de uma forma inexpressiva. No seu trabalho profissional obtém um rendimento muito superior ao do companheiro e, embora diga que as decisões são tomadas em conjunto, na realidade a escolha do carro, das férias e das viagens é ele quem decide.

De uma perspectiva psicanalítica clássica, surgiriam hipóteses que se relacionam com os destinos da sexualidade feminina: mulher fálica e inveja do pênis. No entanto, a partir da minha formação em gênero, essas hipóteses a priori não me são congruentes.

Fico impressionada com o fato de ela não demonstrar aborrecimento ou raiva em certas situações e me pergunto se esse aborrecimento, assim como outros, é deslocado em sua rejeição ao contato sexual com seu marido, Pedro. O que posso observar é que existe uma inibição tanto da agressão quanto do desejo.

Por outro lado, Verónica investiu Pedro de autoridade e deu-lhe o poder de avaliá-la, julgá-la e decidir o que é certo e errado. Se submeteu ao poder que outorgou, sendo colocada em uma posição de inferioridade. Assim, apesar de suas conquistas na área profissional, na relação conjugal, ela ocupa o papel de esposa dependente, subordinando suas necessidades e desejos aos do seu companheiro, e cumprindo sem questionar o mandato que lhe atribuí o patriarcado. Como ela, hoje, muitas mulheres alcançaram avanços importantes em seus papéis profissionais, assumindo cargos de autoridade e liderança, porém, no âmbito das relações amorosas e da intimidade, o mandato patriarcal internalizado ainda não foi modificado.

Verónica dificilmente traz sonhos para a terapia, mas depois de tomar a decisão de abordar a questão de sua sexualidade, ela me conta que assistiu o filme "Frida", onde aparece uma cena em que Frida Kahlo dança eroticamente com outra mulher e, depois disso, ela sonha que estava no cinema e ao lado dela havia uma mulher (não se lembra do rosto dela). Essa mulher começa a tocá-la e ela fica "completamente" excitada. Desaparece... a busca e não a encontra. Ela me explica que na vida real sua excitação não é genital e é muito leve.

O sonho nos permite chegar mais perto da desconexão que ela tem em relação ao seu corpo e à sua própria sensorialidade, ao mesmo tempo que percebe a sua capacidade de sentir excitação e prazer... pelo menos nos sonhos... Ela não se masturba e, nas poucas vezes que tentou, não consegue sentir prazer ou envolver-se consigo mesma. Ela permanece observadora de seu próprio comportamento, sendo dominada pela sensação de estar em algo absurdo.

A relação sexual com o companheiro é muito desagradável para ela. Ela conta que ele assiste pornografia, com a qual fica excitado e depois procura por ela. Ela sente rejeição à aproximação dele e, acima de tudo, não tolera que ele tente tocar em sua região genital. Por outro lado, em suas abordagens, entre outras, ele tenta fazer sexo anal, mas ela não está disposta a fazer isso e perante a sua insistência seu sentimento de rejeição em relação a ele se intensifica, tornando-se mais rígida e mais frígida. Na cena sexual ela não tem resposta amorosa, não sente, não faz, exceto dizer não. Ela tem a sensação de que ele está se masturbando com ela e se sente usada.

Silvia Bleichmar destaca que amor e erotismo são duas correntes distintas da vida psíquica, embora possam estar sobrepostas na relação objetal. No entanto, o que constitui o amor de objeto é dado pelo reconhecimento de que o outro não é um objeto do qual se possa apropriar (Bleichmar, S. 2014).

Como não pensar no feminismo espontâneo da histeria de Emilce Dio Bleichmar?... A frigidez como sintoma que busca a restauração do narcisismo danificado. Sua necessidade de reconhecimento como sujeito é justificada por meio do controle do desejo. Não deseja, não sente, não se emociona “cada vez que se sentir humilhada apelará para sua única arma, o controle do desejo e seu gozo, e inverterá os termos, o mestre será castrado” (Dio Bleichmar 1994, p. 212).

Mas, tanto tempo sujeitada ao desejo do outro, agora não consegue diferenciar suas necessidades das de seu marido e filhos e, embora ela seja clara sobre o que ela não quer na vida, ela não consegue se conectar com seus próprios desejos e com o que ela quer, roteiro que é comum na história de muitas mulheres.

Verónica não só se desligou de seu corpo e de sua sensorialidade, mas também de suas emoções, e em muitas ocasiões diante de suas histórias sou eu que fico zangada por ela, sou eu que me revolto internamente diante de sua submissão passiva e da sua falta de resposta à violência exercida pelo companheiro. Assim, minha contratransferência me orienta a entender o que ela evita reconhecer. Diante de uma história em que o tema da tentativa de sexo anal se repete, aponto e denuncio “isso é violência”. Ela me olha séria e continua falando... É sua maneira de receber minhas observações e interpretações que depois ela elabora no seu próprio ritmo.

Entendo a violência como o exercício do poder em que o outro não é reconhecido como sujeito de desejo e é reduzido, em sua forma extrema, a apenas objeto. Violência que procura dessubjetivar e diante da qual Verónica se submete com frequência.

Passado algum tempo e com muita dificuldade, Verónica consegue falar sobre este assunto com Pedro e explica com uma clareza mediana que há comportamentos que ela não tolera e que não quer que ele os continue a repetir. Por seu lado, Pedro lhe diz que, devido à sua atitude quando fazem sexo, sente como se a estivesse estuprando.

Essa conversa também é uma primeira abordagem do assunto entre eles... mas ela não se sente confiante e tem medo de um estupro... Nessa discordância entre corpos e sexualidade, ela é a vítima abusada e ele o vitimizador abusivo. Reconhecendo os mandatos do patriarcado para homens e mulheres, como analista procuro não me enraizar em uma posição porque entendo que a assunção dessas posições não foi uma escolha consciente para nenhum dos dois e ambos se sentem violados na situação. Como disseram Las Tesis em sua atuação seguindo as ideias de Rita Segato (2003) "o patriarcado é um juiz que nos julga por termos nascido e nossa punição é a violência que você não vê...". Segato é enfática ao apontar que a matriz da violência é a estrutura patriarcal, a violência indireta, que ela chama de violência moral, que se internaliza nas mulheres, fazendo com que aceitem a dominação, e se internalizada nos homens como mandato da masculinidade, que exige ter o poder e dominar.

Da psicanálise, Dio Bleichmar aponta, seguindo as ideias de Laplanche, que já em seu encontro inicial com a intersubjetividade, a criança encontra também as distinções feminino/masculino instituídas no casal parental. Posteriormente, sua inscrição, metabolização e fantasmática constituirão a construção individual do sentido sexual que marcará os comportamentos (Dio Bleichmar 1997).

Verónica e Pedro conheceram-se muito jovens e estão juntos há muitos anos. Apesar das distâncias e divergências que se geram entre eles, também percebo o carinho que têm um pelo outro. Me pergunto, se o que Pedro sabe sobre sexualidade, como tantos homens hoje, ele aprendeu principalmente através da pornografia com todas as distorções que isso implica, principalmente no que diz respeito ao prazer da mulher associado à violência masculina.

A eclosão social de 18 de outubro chega no Chile, um toque de recolher é decretado e em muitos empregos o horário de saída é antecipado. Preocupada e assustada, assim como toda sua família, suas defesas obsessivas são implantadas e ela volta para casa para arrumar e limpar. A comunicação entre o casal torna-se mais distante. Ela me pergunta: A casa me faz mal sexualmente?

Posteriormente, a situação do Covid 19 se torna uma pandemia e, em março de 2020, é imposto o confinamento, situação na qual decidimos continuar trabalhando online.

Ela me diz, como é difícil mudar depois de 30 anos...!! Me conta sobre seu sentimento de solidão e vazio. Ela anseia por uma maior proximidade emocional e me conta que quando seus filhos nasceram sentiu que esse era o sentido da vida e focou sua vida emocional neles. Os filhos preencheram essa solidão e esse vazio e sua ligação com eles foi tão grande que, quando cresceram e aquele fio invisível foi ficando cada vez mais fino, ela fez questão de ter um terceiro filho. Foi assim que Javier nasceu 7 anos depois do filho seguinte e 9 anos depois de sua irmã maior. Seu companheiro concordou com uma nova gravidez sem muita vontade.

O confinamento na casa onde moram só com o filho menor, no começo não foi muito fácil, se distrai no trabalho, seu outro filho que já vivia por conta própria volta por aproximadamente dois meses porque seu roommate é médico e se sente em risco. Quando ele vai embora, ela sente que recupera seu lar.

Já se passaram cerca de 2 meses e meio desde o confinamento e ela me diz “Estou confortável em casa, tantos anos trabalhando fora sem ter a liberdade para parar”. Agora ela gosta de estar em casa, sente-se calma, segura e com muito menos exigências da realidade externa.

Como aponta Alberto Eguier, a casa pode ser entendida como uma segunda ou terceira pele, o lugar onde o passado e a memória se corporificam. É o lugar que tem sido habitado por tantos eventos íntimos e que também pode ser entendido como uma representação da nossa identidade, a casa/corpo, (Eguier, 2013). O confinamento e a vivência permanente nesta casa/corpo a leva a descobrir e tomar consciência de que muitos espaços foram invadidos e colonizados pelo seu companheiro e que também aí prevaleceram as necessidades e desejos dele, o que a move a fazer mudanças no espaço físico.

Verónica nunca teve um orgasmo e não consegue imaginar como é, por isso seu descontentamento com as cenas sexuais que vê nos filmes. Em relação à masturbação ela diz “me sinto como uma menina, como se não tivesse crescido nesse aspecto e sinto estar fazendo algo errado”. E é que por trás dessa fachada séria e pouco expressiva observa-se uma menina assustada que não acabou de crescer.

Em uma das conversas sobre o tema sexualidade, sugiro a ela assistir a série “Unorthodox”. Ela me conta depois que a assistiram com o companheiro e gostaram muito. Ela me conta “ela tentou e assume o controle de sua vida e toma uma decisão drástica, que me fez sentir um pouco interpretada”. Porque o que Verónica tenta fazer é apropriar-se da sua vida, do seu corpo, dos seus desejos, das suas necessidades.

Aos poucos, ela começa a ficar mais conectada com suas próprias emoções e menos disposta a se submeter. Então, em uma situação em que seu companheiro tenta fazer sexo anal mais uma vez, ela se levanta furiosa e grita com ele ;mas eu disse que não, o que você não entende! Indo muito chateada dormir em outro quarto.

Jessica Benjamin (1997) em seu livro “Sujetos iguales, objetos de amor”, propõe a necessidade do reconhecimento mútuo e o dilema entre a afirmação de si mesmo, que nega o outro, e o reconhecimento do outro. Seguindo a Hegel em relação ao problema do reconhecimento, ele aponta que, para o eu se estabelecer como ser independente, é preciso reconhecer o outro como sujeito igual a ele para ser reconhecido por esse outro. Portanto, a necessidade de reconhecimento traz consigo um paradoxo fundamental e uma tensão que precisa ser mantida e sustentada. Quando essa tensão é quebrada, e o outro não é reconhecido como igual, não há outro capaz de reconhecer e o mestre também deixa de ser sujeito.

Pedro ignora repetidamente o que Verónica tem expressado, mas quando ela faz esse gesto categórico de rejeição não só em relação ao ato sexual, mas também em relação a ela se irritar e ir para outro quarto, acho que para Pedro aparece a sujeito Verónica, sujeito igual, da qual aguarda o reconhecimento, que é ainda mais necessário em uma situação de confinamento e de contato permanente entre eles.

Este Não, marca uma mudança significativa na relação, pois Pedro passa a se mostrar carinhoso, atento aos desejos e necessidades dela. Este Pedro, que a reconhece, começa a tranquilizá-la e lhe permite diminuir gradativamente as suas defesas diante dele.

O tempo de confinamento os aproxima emocionalmente, ela se sente acompanhada nas tarefas da casa como arrumar a cama juntos, preparar a comida, arrumar a mesa, eles têm tempo de tomar um café juntos, conversam um pouco mais e as aproximações sexuais dele são diferentes. Ela me diz "Pedro não tem feito as coisas que eu não gosto, sinto-me mais calma e ficou mais fácil conseguir mais sensações". Nesse espaço corpo/casa/casal que lhe é mais confiável, também tenta se masturbar. Verónica vai à terapia e pede ajuda num momento de grande vulnerabilidade emocional, consegue estabelecer um vínculo comigo, há um encontro e ela se sente cada vez mais confiante, o que lhe permite acreditar que o encontro com o companheiro também é possível.

Pouco tempo depois, ela me disse, bem no estilo dela, que Pedro estava fazendo sexo oral nela, e ela sentiu uma eletricidade... uma explosão... É curioso, mas ela não usa a palavra orgasmo; eu a acrescento, teve um orgasmo! Ela me olha séria... Essa experiência, assim como o que aconteceu com a virtualidade em pandemia, veio para ficar...

Algumas sessões depois, Verónica me diz que "a masturbação funcionou para ela" e acrescenta "posso lidar com algo importante para mim", enfatizando sua capacidade de agência, que fala de maior liberdade.

A partir daí, a situação entre os dois mudou gradativamente, estiveram explorando nas relações sexuais e os sentimentos de rejeição de Verónica desapareceram. Me diz: "Não sinto mais medo e insegurança em me aproximar dele". Conta que se sente conectada com seu companheiro e que antes quando via casais próximos sentia uma grande sensação de vazio e carência, mas agora isso não acontece com ela.

Como outros casos clínicos que se apresentam, muitas são as arestas e aspectos teóricos que poderiam ter sido desenvolvidos e que permanecem abertos para continuar pensando neste caso. Para Verónica, a possibilidade de mudança surgiu depois daquele primeiro ano e meio em que conseguiu sentir-se reconhecida, ouvida e começou a pensar. Foi capaz de habitar sua casa/pele/ que acabou sendo um lugar seguro e tranquilo para se investigar e experimentar sem medo. Talvez, também tenha contribuído para seu processo a experiência da análise virtual, com distância física, que de alguma forma era menos ameaçadora.

Referências bibliográficas

- Benjamin, J. (1997) "Sujetos iguales, objetos de amor. Ensayo sobre el reconocimiento y la diferencia sexual". Paidós, Argentina.
- Bleichmar, S. (2014) "Las teorías sexuales en psicoanálisis. Qué permanece de ellas en la práctica actual". Paidós, Argentina
- Dio Bleichmar, E.(1994) "El feminismo espontáneo de la histeria. Estudio de los trastornos narcisistas de la feminidad". Fontamara, México.
- Dio Bleichmar, E. (2004) "La sexualidad femenina, de la niña a la mujer". Paidós, Argentina.
- Eiguer, A. (2004) "Las dos pieles de la casa", en Las dos pieles de la casa - Dr Alberto-Eiguer (alberto-eiguer-psy.fr) Las dos pieles de la casa - Dr Alberto-Eiguer (alberto-eiguer-psy.fr)
- Segato, R. (2003) "Las estructuras elementales de la violencia" Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Ed. Universidad Nacional de Quilmes.